

**O (verdadeiro) discurso do rei:  
reflexões sobre a fala e as versões acerca do pronunciamento do Rei George VI**

*The (true) king's speech:  
Reflections on the speech and about speech versions of King George VI*

**Márcia Ramos de Oliveira**  
UDESC  
marciaramos@cpovo.net

Resumo: Esta comunicação pretende traçar impressões acerca de dois momentos observados a partir do lançamento do filme “O Discurso do Rei” (The King’s Speech), a citar: a) o discurso proferido pelo recém-coroadado George VI, em setembro de 1939, que apresentou o posicionamento da Grã-Bretanha, quanto a entrada no conflito, ao declarar guerra a Alemanha Nazista, b) o processo de empatia e interesse de público com relação a história de vida do Rei George VI, enquanto motivo e resultante do filme ficcional. O texto pretende, ainda, apresentar reflexões quanto ao uso de tecnologias do século XX, que permitiram registrar, ampliar e dar novos significados a voz e a dicção humana, num processo contínuo que se estende ao século XXI.

Palavras-chave: oralidade mediatizada; dicção, mídia; cinema

*Abstract: This communication is intended to draw impressions of two observed moments from the movie “The King’s Speech”, quote: a) the speech by the newly crowned George VI in September 1939 that presented the position of Britain, the entry into the conflict by declaring war on Nazi Germany, b) the process of empathy and interest in public about the life history of King George VI as a motive and a result of fictional movie. The text also aims to present reflections on the use of technologies of the twentieth century, which led to record, amplify and give new meanings to human voice and diction, in a continuous process that extends to the twenty-first century.*

*Keywords: mediated orality, speech, media, movie*

Por que uma história da monarquia inglesa, particularizada na figura do Rei George VI, tornou-se alvo de tanto interesse, atravessando fronteiras nacionais e continentais ?

Em setembro de 1939, ao definir-se o posicionamento e a declaração de guerra a Alemanha Nazista, o recém-coroadado George VI apresentou seu discurso a nação, diante de milhares de pessoas, da sacada do Palácio de Buckingham. Falou diante de câmeras e microfones, que estenderam seu discurso para além dos limites do próprio palácio, e da cidade de Londres. Falou à Grã-Bretanha e ao continente europeu através das ondas do rádio.

Circunstância até então inusitada, quanto a projeção da figura de um rei, cujos súditos conheciam pela fotografia, pelos relatos jornalísticos, mas não pela voz.

No dia 04 de setembro de 2010, o filme “O Discurso do Rei” teve sua estréia mundial a partir do lançamento nos Estados Unidos. Tornou-se, também neste país, o grande vencedor da 83ª edição do Oscar, realizada na noite de 27 de fevereiro de 2011, em Los Angeles, ao ser indicado a 12 categorias, resultando na premiação através das quatro principais estatuetas, entre melhor filme, ator, diretor e roteiro original.

A abordagem que pretendo desenvolver neste trabalho relaciona-se diretamente a produção e divulgação de narrativas associadas ao fato inicialmente descrito e, particularmente a esta produção fílmica. Resultado de uma co-produção de origem britânica e norte-americana, o filme alternou o talento de dois grandes atores, que também espelharam esta origem, na interpretação dos protagonistas principais, o príncipe Albert, inicialmente duque de York, futuro rei da Inglaterra, e o ex-ator, especialista em distúrbios da fala, Lionel Logue. Os veteranos Colin Firth e Geoffrey Rush, acompanhados de Helena Bonham Carter, no papel da esposa de Albert, futura Rainha Mãe da Inglaterra, integram o trio que desenrola a trama que, baseada em fatos reais, ficionaliza, emociona, e aproxima o grande público do cotidiano e dilemas oriundos da herança monárquica explicitada e do suposto convívio da família real. O lançamento desta produção vem acompanhada, no mesmo ano, do casamento real do herdeiro do trono, também Príncipe Albert, como seu predecessor, com a plebéia Catherine Middleton, realizado em abril, dois meses após a premiação no Oscar e, sete meses depois da primeira estréia. Em cena, uma imagem humanizada, menos hierarquizada, onde a aristocracia apresenta-se dando ares de sofisticação e beleza a uma cena de aproximação da monarquia na direção de seus súditos.

Resumidamente, a abordagem ficcional resultante do recorte histórico, narrada pelo filme, centraliza na cena o problema da gagueira que aflige o príncipe, situação que agrava-se a medida em que as responsabilidades de representação que assume enquanto parte integrante deste governo, e da família real, começam a incluir exposições públicas de enunciação e uso da voz através da tecnologia do rádio que se iniciava naquele momento. As mensagens natalinas do monarca, o pronunciamento de inauguração da BBC - British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão) - , a entrada da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial, entre outras, são apenas alguns dos exemplos de como a Família Real passou a relacionar-se, midiaticamente, com seus súditos, a exemplo do que outras nações vinham

fazendo no mundo, ao perceber o potencial agregador e de rápida inserção junto aos grandes contingentes populacionais, ou a sociedade como um todo. Tecnologias que vinham para ficar, reinventando sob muitos aspectos, a forma de fazer política e/ou de governar.

O caso inglês não seria diferente, e dado ao contexto da Segunda Guerra que se aproximava, a popularização e o uso deste veículo de comunicação viria a potencializar a resistência ao avanço da Alemanha Nazista na Europa, tornando a BBC um símbolo desta luta, na construção e disseminação do ideário que notabilizou a ação dos Aliados no conflito. A interação entre a imagem da monarquia e do governo inglês com o empreendimento representado pela BBC foi tão intensa, que seus dirigentes, destacando no contexto a figura de John Reith, receberam o título de *Sir*. Diferentemente de experiência de radiodifusão em outras partes do mundo, em grande medida experimentais, e em outros modelos, mais conhecidas pelo aspecto comercial, na Inglaterra, essa corporação notabilizou a qualidade e uso formativo na sua programação, quanto a demonstrar através do veículo a excelência da cultura inglesa e europeia, em grande medida elitizada e deixando de fora manifestações mais populares.

Este é o contexto midiático, com relação a emissora, vivenciado pelo futuro Rei George VI, quando de suas primeiras tentativas de relacionar-se com a rádio, ou dito de outra forma, com a população inglesa, num distanciamento entre a voz que fala e a quem se destina, que M. Schaffer denominou de *esquizofonia*, que não mais implicava que o monarca se dirigisse presencialmente aos súditos. Que imagem teria a realeza britânica, ao entrar “gaguejante” nos lares e ao vasto território deste Império?

Impelido pela necessidade política, porém vivenciando a dramaticidade da experiência individual, pessoal, ocorria o príncipe aos tratamentos usuais, ao constrangimento de contrapor sua autoridade imposta frente as práticas experimentais de uma ciência da fala em construção. Desiludido com a possibilidade de cura, é como o filme apresenta o protagonista, que apoiado pela esposa Elizabeth tem o primeiro contato com o australiano Lionel Logue. O despojamento do ambiente em que vem a ser tratado, o afrouxamento da formalidade no convívio do consultório, a ponto de ser chamado pelo diminutivo e apelido familiar, Bertie, evidenciam a aproximação cada vez maior entre o Albert e Lionel. Laços que aparentemente vão se estreitando e conduzindo a narrativa, a medida em que as responsabilidades do herdeiro real intensificam-se, a gagueira passando a ser melhor controlada, como indício da segurança e autoridade do futuro rei. E, a princípio, é o que define o filme, conduzindo a

trama a coração e ao desfecho dos dois personagens. O site oficial do filme, ao trazer a imagem de divulgação nos cartazes, inclui ainda a expressão “Dois mundos que se uniram para dar a nação uma só voz” (<http://www.odiscursodoreiofilme.com.br/>)



Figura 1 – site <http://www.adorocinema.com/filmes/o-discurso-do-rei/>, acesso em setembro de 2011.

Do filme como provocador da memória em meio a outras narrativas

Capitaneado pelo sucesso do filme premiado, outras narrativas ganham evidência, sendo lançadas no mercado e no meio televisivo, entre outros recursos. É o caso do livro, “O Discurso do Rei”, título em português, que traz na capa a mesma imagem de divulgação do filme, escrito pelo neto de Lionel, Mark Logue, em parceria com Peter Conradi.

Ao apresentar o livro, Mark Logue refaz seu percurso de pesquisa, num processo de compreensão do avô que não conheceu. O trajeto percorrido em busca de mais fontes de informação além daquelas já conhecidas pelos produtores do filme, junto ao material de diversas biografias de George VI, onde o personagem fortuitamente aparecia, redireciona-se a procura de material inédito, envolvendo correspondências de diários do antepassado. O percurso aproxima a família, que interage pela diversidade de documentos dispersos elaborados por Logue no decorrer de sua vida e no exercício da profissão. Surgem no caminho, a reconstituição de um jeito de ser e de se relacionar que emociona e, estende-se ao filme, na descrição dos gestos, das confidências, do neto que se vê no pai e no avô.

Através do livro também foi possível saber que boa parte do material pesquisado sobre a vida de Lionel Logue já existia através de material da BBC, o que inclusive resultou no

documentário intitulado “O (verdadeiro) discurso do rei”, que no Brasil foi exibido através do canal NatGeo na televisão fechada. O documentário rico em informações audiovisuais e elaboração textual, permitiu perceber a familiaridade da programação da BBC com a temática envolvendo Logue e o Rei, redirecionando este material ao que foi produzido. A exemplo do que foi incluído no filme ficcional, constando como cenas extras, o documentário é recheado de muitas seqüências exibindo a performance de George VI entre imagem e áudio, notabilizando o trabalho de pesquisa e elaboração deste produto. Ao apresentar o monarca em sua fala, identificando dicção, timbre, aliado a demonstração do aparato tecnológico que envolvia cada transmissão, entre microfones, antenas, salas repletas de equipamentos eletrônicos, a BBC fala de si, de sua própria história. A proposta do filme que tematiza a enunciação, a fala, pelo rádio, acaba representando toda uma era, na qual a BBC foi experiência fundadora e modelo a diversos novos padrões que surgiram posteriormente.

#### Empatia com o personagem, encontro com o sujeito na história

Diante do impacto imagético, e imaginário, que o filme ficcional, aqui descrito, nos provoca, é difícil deixar de citar a argumentação do historiador Robert Rosenstone, ao referir-se ao cinema também como um espaço de construção da história narrada, e por conseguinte, de instauração da memória. Declara o autor,

Aceitar a noção de que cineastas podem ser historiadores significava descartar lições que haviam sido apreendidas na graduação e reforçadas pelos guardiões da profissão. (...) . O cinema, em especial o filme dramático , faz exigências especiais ao historiador tradicional, pois vai além (...) da *constituição* dos fatos, ou seja, a criação dos fatos por meio da escolha de certos vestígios do passado (pessoas, acontecimentos, momentos) aos quais são dados destaques porque são considerados importantes e dignos de serem incluídos em uma narrativa. Em seu lugar, o filme se permite *inventar* fatos, ou seja, elaborar vestígios do passado que posteriormente são ressaltados como imponentes e dignos de serem incluídos. (...)” (ROSENSTONE, 2010, p.23)

Entre o reconstituir biográfico e o contar uma estória/história como percebemos neste filme, diversas questões de aproximação acabam surgindo, quanto a pensar sobre a metodologia empregada, ou sobre a narrativa a ser construída.

Na narrativa histórica, prerrogativa estendida ao cinema, e na historiográfica, ponto de inflexão da prática dos historiadores de ofício e formação, situam-se questionamentos como aqueles provocados por uma produção cinematográfica desta natureza. Entre o contexto e o sujeito nele inserido, a constatação do dado histórico, frente ao tratamento ficcional, que no entanto, humaniza e traz a tona o mesmo sujeito, da maneira como o historiador não poderia descrever, restrito ao rigor metodológico que o orienta. O impasse criado pelo apelo emocional produzido, e ainda, o estabelecimento de determinadas noções históricas que serão perpetuadas através da obra ficcional vem gerando dilemas e controvérsias no que diz respeito aos limites da forma narrativa historiográfica.

Buscar compreender os laços que se estabelecem entre a voz /dicção e a constituição de uma forma de memória afetiva / interpretativa associada a mesma, quando de seu registro e difusão através do áudio, especialmente a partir da radiodifusão e do cinema é parte da trabalho de pesquisa do historiador. Especialmente considerando-se as inúmeras possibilidades de construção de narrativas e, a consolidação da memória associada a elas. Concordando com o compositor da música do filme “O Discurso do Rei” , Alexandre Desplat, ao referir-se a aproximação emocional que se estabelece quando experenciamos/assistimos a esta narrativa, declara *“Este é um filme sobre o som da voz. A música deve lidar com isso. A música tem de lidar com o silêncio. Tem de lidar com o tempo.”*

#### Referências:

- BRIGGS, A. , e, BURKE, P. Uma história social da mídia. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2004.  
LOGUE, M. O discurso do rei. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.  
RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Edit. Unicamp, 2007.  
ROSENSTONE, R. A história nos filmes. Os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra, 2010.  
VALENTE, H. As vozes da canção na mídia. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2003.  
ZUMTHOR, P. ZUMTHOR, P.:Introdução à poesia oral. São Paulo: Hucitec; Educ, 1997.